

# O custo da moratória

Tão logo se decretou a moratória unilateral, em 1987, dissemos nestas *Notas* que a suspensão do serviço da dívida externa teria um custo elevadíssimo. Já os defensores da iniciativa argumentavam que não se podia sacrificar o desenvolvimento nem pagar com o sangue do povo a dívida externa. Não a solvemos e não mais voltamos a crescer. Se admitirmos para este ano um crescimento do PIB de 0,5%, verificaremos que de 1987 a 1991 tivemos um crescimento zero do PIB, enquanto, no mesmo período, o PIB per capita caía 11,9%.

A moratória unilateral caracteriza-se por uma quebra de contratos: é evidente que a parte frustrada reage e, fato mais grave, tal atitude repercute sobre outros setores da comunidade financeira internacional. O Banco Mundial (Bird), em seu relatório sobre a dívida externa em geral, reporta-se a duas consequências da moratória para o Brasil: a queda dos financiamentos à exportação e a redução dos investi-

mentos diretos. Na realidade, a amplitude das consequências é muito maior.

Quanto às exportações, o organismo internacional calcula que perdemos financiamentos de pelo menos US\$ 5 bilhões. Os juros para os empréstimos do comércio exterior saltaram, num período de baixa, de 2% a 3% para 3% a 6%. Os prazos encurtaram de 180 a 360 dias para 30 a 45 dias. Os defensores da moratória argumentavam que os bancos estrangeiros, interessados em tais operações, não reduziriam o volume desses empréstimos. Assistia-lhes razão, mas eles se esqueceram de contabilizar a alta dos juros e a redução dos prazos com repercussões muito negativas sobre nosso comércio exterior. Deixamos de ser competitivos na área das exportações (aumentando o desemprego). Tivemos de renunciar a algumas importações e de reduzir às compras no Exterior, o que não contribuiu para ampliar a nossa produção e melhorar nossa competitividade.

Segundo o relatório do Banco Mun-

dial, a redução dos investimentos diretos (que contribuem para aumentar a capacidade de produção e o nível do emprego) foi ainda mais dramática. No período 1987/1991, os investimentos diretos atingiram US\$ 8,431 bilhões, contra US\$ 15,748 bilhões no México e US\$ 14,593 bilhões na China comunista. Os dados, brutos, não refletem plenamente a realidade contábil. Parte dos nossos investimentos foi em hot money (commercial-papers, aplicações na bolsa), não sendo produtivos, conforme ocorreu em outros países. Cumpriria lembrar que a remessa de lucros de dividendos aumentou, diante da desconfiança dos investidores (US\$ 1,619 bilhão somente em 1990). Diante da mesma desconfiança, os repatriamentos de capital também se elevaram.

Um cálculo exato deveria levar em conta não somente a perda em produção, mas ainda a queda de receitas da União e o aumento das despesas com o desemprego. Resta esperar que o alerta do Bird seja ouvido.